Aula 2

REALISMO-NATURALISMO NO BRASIL: UM BRASIL REAL E BRASILEIRO

META

Apresentar a forma como se desenvolveu a literatura realista-naturalista no Brasil e sua relação com a cultura brasileira do século XIX.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
discutir as relações entre a literatura brasileira realista-naturalista e a vida cultural do Segundo Império;
analisar os textos literários brasileiros realistas-naturalistas observando suas características estilísticas.
conhcecer técnicas estilísticas próprias do realismo, a partir da constituição da personagem.

PRÉ-REQUISITOS

Leitura prévia das aulas de Teoria Literária, disponíveis nos cadernos do EAD-CESAD e leitura da 1ª aula de Literatura Brasileira II.

Redenção de Cã, óleo sobre tela de Modesto Broccos, 1895. Trata-se de uma obra considerada realista, que discute a mestiçagem e a identidade nacional. Na narrativa visual de Broccos a "raça" negra teria sido redimida de sua maldição, graças à vinda para as terras brasileiras. A mulher africana tem uma filha mestiça que se casa com um português, tendo um rebento branco. A velha ergue os olhos e agradece a Deus a redenção de sua raça, operada nesse cadinho formidável que é o Brasil. É importante destacar que na sociedade brasileira do final do século XIX predominava uma visão da afro-descendência como "problema".
(Fonte: http://www.dezenovevinte.net)

INTRODUÇÃO

As ideias filosóficas, científicas e estéticas do Realismo na Europa repercutiram na formação de uma nova mentalidade no Brasil. Foi um período de desenvolvimento de um pensamento crítico voltado para o Brasil. Intelectuais de classe média queriam a transformação social e atuavam na imprensa e nas faculdades. Queriam um Brasil brasileiro. Nesse período era discutida a individualidade da cultura brasileira, e as produções dos intelectuais voltaram-se para a realidade concreta do país. Inclusive a literatura do período deslocou seu foco de interesse para esse ponto, e adotou o método cientifico como busca do processo de conhecimento.

Cenas do filme O cortiço (Francisco Ramalho Jr., 1978), com roteiro baseado no livro homônimo de Aluísio Azevedo.
(Fonte: http://www.filmesraros.com)

Vamos ver o que dizem os 'mestres' sobre os termos Realismo e Naturalismo.

REALISMO, REALIDADE E FANTASIA

Explicação dos professores Antonio Candido e Jose Aderaldo Castelo sobre o uso inadequado da palavra Realismo - movimento literário da segunda metade do século XIX.

> A designação de Realismo, dada a esse movimento, é inadequada, pois o realismo ocorre em todos os tempos como um dos pólos da criação literária, sendo a tendência para reproduzir nas obras os traços observados no mundo real - seja nas coisas, seja nas pessoas e nos sentimentos. Outro pólo é a fantasia, isto é, a tendência para inventar um mundo novo, diferente muitas vezes oposto às leis do mundo. Os autores e as modas literárias oscilam incessantemente entre ambos e é da sua combinação mais ou menos variada que se faz a literatura…
> (CÂNDIDO, Antônio; CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da Literatura Brasileira**. 7 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1978. v. 2, p. 94.)

Pois é isso, a literatura aborda sempre a realidade do mundo externo ou interno da personagem. Nós leitores vemos este real no texto, e vemos algo mais que ele. Este "algo mais" é o jogo entre fantasia e realidade instituído pela linguagem.

Vamos conhecer o significado do termo Realismo-Naturalismo: estilo que apresenta um desdobramento estilístico especial – técnica naturalista de fazer a narrativa.

De acordo com Afrânio Coutinho:

> o realismo é a tendência literária que procura representar, acima de tudo a verdade, isto é, a vida tal como é utilizando-se para isso da técnica da documentação e da observação, contrariamente à invenção romântica. Interessado na análise dos caracteres, encara o homem e o mundo objetivamente, para interpretar a vida. A estética realista procura atingir a beleza sob os disfarces do comum e do familiar, no ambiente e na cena contemporânea...
> Quanto ao Naturalismo é um Realismo a que se acrescentam certos elementos, que o distinguem e torna inconfundível sua fisionomia. É um realismo fortalecido por uma teoria peculiar, de cunho científico; uma visão materialista do homem, da vida e da sociedade.
> (COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.)

Apresentamos, resumidamente, abaixo, as principais características do Realismo.
- Veracidade: narração de fatos que tenham seus correspondentes na realidade exterior, procurando evitar situações que pareçam inverossímeis ou improváveis, como em alguns casos da literatura romântica.
- Contemporaneidade: enfoque da realidade atual, contemporânea do escritor, evitando uma prática romântica de fuga para o passado, ou para futuro.
- Fidelidade ao retratar a personagem: retrato fiel de tipos concretos e vivos (pessoas) e interpretação do seu caráter e do motivo de suas ações. Os personagens são indivíduos que representam aspectos negativos da natureza humana: a adúltera, o avarento, o covarde, o ambicioso, a prostituta, o mesquinho, etc.
- Gosto pelos detalhes e consequente lentidão narrativa: abordagem minuciosa dos detalhes no processo de caracterização dos personagens e situações, para obter fidelidade e precisão.
- Materialização do amor: desprezo pela espiritualização do amor (Romantismo) e enfoque no seu aspecto físico e no prazer carnal. Abordagem da temática do adultério e dos crimes passionais.
- Denúncia das injustiças sociais: a literatura é arma de combate e denúncia das injustiças, da hipocrisia, do preconceito, da ambição e da exploração das classes pobres. Das contradições dos ideais modernos da burguesia, da igualdade, liberdade e fraternidade. Progresso social, técnico e industrial.
- Determinismo: explicação lógica entre causa e efeito, para o comportamento das personagens.
- Linguagem simples: clara, equilibrada, com destaque para a realidade da vida das pessoas, da sociedade. É bem natural, ao enfocar experiências do cotidiano como: prostituição, doenças (tuberculose), peixaria, açougue e carne, podridão física e moral, etc.

Mais adiante veremos essas características na análise dos textos literários.

Vejamos o que ocorria na cultura brasileira do período realista.

A sociedade brasileira passava por grande transformações. Já era a segunda metade do século XIX. A burguesia encontrou na ciência algumas respostas para os problemas do país. O pensamento histórico, político e econômico viu no método científico base segura para sua renovação, e teve apoio para sua divulgação nos jornais e revistas da época.

O período de dominância na literatura realista-naturalista no Brasil foi de 1881 a 1902. Em 1881, foi publicado o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, romance realista; e o primeiro romance naturalista, *O Mulato* de Aluísio Azevedo. Nos últimos anos do século XIX, esta literatura já estava em declínio.

O sergipano Tobias Barreto idealizou a chamada “Escola de Recife”, chegando a exercer influência sobre outro sergipano ilustre, Sílvio Romero,

que escreveu uma História da Literatura Brasileira e estabeleceu método crítico para análise de obra literária (1888), orientado pelas teorias sociológica e filosófica da época. Outro intelectual ficou famoso por procurar critérios estéticos para analisar as obras. Era José Veríssimo, contrário ao método de Sílvio Romero, e estudado até hoje nos cursos de Literatura Brasileira.

Vamos lembrar alguns fatos que foram determinantes para mudar o contexto histórico-cultural e estético brasileiro:

A abolição do tráfico de negros (1850) disponibilizou capitais para atividades urbanas e promoveu o crescimento das cidades. Crescem o trabalho assalariado e o desenvolvimento da classe média urbana.

- Avança a imigração europeia (italiana) que substitui a mão-de-obra escrava.
- A lavoura cafeeira possibilitou a expansão de novas áreas de povoamento, da produção e do consumo.
- A comunicação foi facilitada pela implementação do telégrafo e pela prioridade regular dos primeiros jornais.

Observe, agora, como a realidade é matéria prima da literatura:

A monarquia provocou mudanças políticas e sociais. Os trabalhadores ganham força como classe e cobram seus direitos.

Nesse período há o progresso: primeira estrada de ferro do Brasil (Com Barão de Mauá), fundação de bancos e franca exportação de café.

Tudo vai muito bem, não é? Mas de 1864 a 1870, o Brasil entrou na Guerra do Paraguai e endividou-se. Em seguida instala-se a crise econômica e, naturalmente, a social. A população exige mudanças e as camadas médias urbanas e as elites agrárias ameaçam romper com o regime monárquico. O imperador D. Pedro II perde a popularidade nas forças armadas. Em 1865 cria-se o Partido Republicano.

Finalmente ocorre a proclamação da República em 15 de novembro de 1889, o novo regime terá que enfrentar crise econômica, política (várias revoltas dos insatisfeitos com a nova ordem).

A essa altura os ideais românticos não tinham mais sentido, não respondiam aos interesses da nova realidade. O espírito positivista chegou ao Brasil e ensejou o aparecimento de uma nova **estética** fundada nesses novos ideais.

A literatura realista escolheu os problemas concretos do seu tempo como base do seu fazer literário, porque considerava possível sua representação artística. Focalizando o cotidiano social encontrou um caminho para renovar-se e escapar de influências de correntes literárias anteriores.

Outra contribuição da literatura realista foi a criação de personagens e situações típicas, representativas de uma época histórica. A categoria "**Típico**" constitui o real ficcional da obra de arte, e tem um caráter metonímico: é uma parte de um todo, o coletivo. Representa muitos.

Os textos que seguem, do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* são registros do estilo realista. Veja a clareza e a concisão da Linguagem:

Estética
Gr.aisthetikos, suscetível de perceber-se pelos sentidos; de *aisthesis*, sensação, percepção.
O vocábulo designa, *lato senso*, o conhecimento da beleza da Arte e na Natureza, a teoria ou filosofia do belo, entendendo-se por Belo o conjunto de sensações experimentadas no contato com a obra de arte ou manifestação da Natureza, *Stricto senso*, equivale a teoria ou filosofia da Arte.

Típico

Encarnação concretamente artística da particularidade.

Texto I

VIRGÍLIA?

Virgília? Mas então era a mesma senhora que alguns anos depois...? A mesma; era justamente a senhora que em 1869 devia assistir aos meus últimos dias, e que antes, muito antes, teve larga parte nas minhas mais intimas sensações. Naquele tempo contava apenas uns quinze ou dezesseis anos; era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça, e, com certeza, a mais voluntariosa. Não digo que já lhe coubesse a primazia da beleza, entre as mocinhas do tempo, porque isto não é romance, em que o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas; mas também não digo que lhe maculasse o rosto nenhuma sarda ou espinha, não. Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, que o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação. Era isto Virgília, e era clara, muito clara, faceira, ignorante, pueril, cheia de uns ímpetos misteriosos; muita preguiça e alguma devoção, - devoção, ou talvez medo; creio que medo.

Aí tem o leitor, em poucas linhas, o retrato físico e moral da pessoa que devia influir mais tarde na minha vida; era aquilo com dezesseis anos. Tu que me lês, se ainda fores viva, quando estas páginas vierem à luz, — tu que me lês, Virgília amada, não reparas na diferença entre a linguagem de hoje e a que primeiro empreguei quando te vi? Crê que era tão sincero então como agora; a morte não me tornou rabugento, nem injusto.

— Mas, dirás tu, como é que podes assim discernir a verdade daquele tempo, e exprimi-la depois de tantos anos?

Ah! indiscreta! ah! ignorantona! Mas é isso mesmo que nos faz senhores da terra, é esse poder de restaurar o passado, para tocar a instabilidade das nossas impressões e a vaidade dos nossos afetos. Deixa lá dizer Pascal que o homem é um caniço pensante. Não; é uma errata pensante, isso sim. Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes.

Cena do filme Memórias póstumas de Brás Cubas.
(Fonte: httpwww.dsc.ufcg.edu.br).

(ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. 22 ed. São Paulo: Ática. 1997. p. 59-60.)

Texto II

OS CÃES

— Mas, enfim, que pretendes fazer agora? Perguntou-me Quincas Borba, indo pôr a xícara vazia no parapeito de uma das janelas.

— Não sei; vou meter-me na Tijuca; fugir aos homens. Estou envergonhado, aborrecido. Tantos sonhos, meu caro Borba, tantos sonhos, e não sou nada.

— Nada! Interrompeu-me o Quincas Borba com um gesto de indignação.

Para distrair-me, convidou-me a sair; saímos para os lados do Engenho Velho. Íamos a pé, filosofando as coisas. Nunca me há-de esquecer o benefício desse passeio. A palavra daquele grande homem era o cordial da sabedoria. Disse-me ele que eu não podia fugir ao combate; se me fechavam a tribuna, cumpria-me abrir um jornal. Chegou a usar uma expressão menos elevada, mostrando assim que a língua filosófica podia, uma ou outra vez, retemperar-se no calão do povo. Funda um jornal, disse-me ele, e "desmancha toda esta igrejinha".

— Magnífica idéia! Vou fundar um jornal, vou escachá-los, vou...

— Lutar. Podes escachá-los ou não; o essencial é que lutes. Vida é luta. Vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal.

Daí a pouco demos com uma briga de cães; fato que aos olhos de um homem vulgar não teria valor. Quincas Borba fez-me parar e observar os cães. Eram dois. Notou que ao pé deles estava um osso, motivo da guerra, e não deixou de chamar a minha atenção para a circunstância de que o osso não tinha carne. Um simples osso nu. Os cães mordiam-se, rosnavam, com furor nos olhos... Quincas Borba meteu a bengala debaixo do braço, e parecia em êxtase.

— Que belo que isto é! dizia ele de quando em quando.

Quis arrancar-me dali, mas não pude; ele estava arraigado ao chão, e só continuou a andar, quando a briga cessou inteiramente, e um dos cães, mordido e vencido, foi levar a sua fome a outra parte. Notei que ficara sinceramente alegre, posto contivesse a alegria, segundo convinha a um grande filósofo. Fez-me observar a beleza do espetáculo, relembrou o objeto da luta, concluiu que os cães tinham fome; mas a privação do alimento era nada para os efeitos gerais da filosofia. Nem deixou de recordar que em algumas

partes do globo o espetáculo é mais grandioso; as criaturas humanas é que disputam aos cães os ossos e outros manjares menos apetecíveis; luta que se complica muito, porque entra em ação a inteligência do homem, com todo o acúmulo de sagacidade que lhe deram os séculos etc.

(ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. 22 ed. São Paulo: Ática. 1997. p.161-162.)

Texto III

RUBIÃO fitava a enseada, — eram oito horas da manhã. Quem o visse, com os polegares metidos no cordão do chambre, à janela de uma grande casa de Botafogo, cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta; mas, em verdade, vos digo que pensava em outra coisa. Cotejava o passado com o presente. Que era, há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista! Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade.

— Vejam como Deus escreve direito por linhas tortas, pensa ele. Se mana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas me daria uma esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça...

Texto IV

QUE abismo que há entre o espírito e o coração! O espírito do ex-professor, vexado daquele pensamento, arrepiou caminho, buscou outro assunto, uma canoa que ia passando; o coração, porém, deixou-se estar a bater de alegria. Que lhe importa a canoa nem o canoeiro, que os olhos de Rubião acompanham, arregalados? Ele, coração, vai dizendo que, uma vez que a mana Piedade tinha de morrer, foi bom que não casasse; podia vir um filho ou uma filha... — Bonita canoa! — Antes assim! — Como obedece bem aos remos do homem! — O certo é que eles estão no céu!

ASSIS, Machado de. **Quincas Borba.** São Paulo: Ática, 1973. p. 9.

ATIVIDADES

1. Procure observar no texto aspectos como:
a) Fidelidade ao retratar a personagem.
b) Gosto pelos detalhes.
c) Linguagem simples e direta.
2. Explique de que modo estas características contribuem para a compor a personagem realista.
3. Leia o texto "*os cães* "e, a partir das ideias propostas, discuta o posicionamento de Machado a respeito da relação: literatura e cientificismo positivista.
4. Observe uma característica importante do Realismo – a análise da realidade, nos fragmentos do texto da obra Quincas Borba.

Émile Zola

Foi o fundador e o principal representante do movimento literário naturalista. Suas duas primeiras obras, *Contes à Ninon* (1864) e o romance *La Confession de Claude* (1865); Em seguida publicou *Thérèse Raquin*(1867). A Taberna (1876), *Nana* (1880) ,*Germinal* (1885), As Três Cidades (1894-1898) e Os *Quatro Evangelhos* (1899-1902.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

- Agora retire do texto essas passagens e expressões, elas configuram características do estilo realista. Comente o sucesso ou insucesso do narrador na caracterização da personagem Virgília, mostrando suas razões.
- A literatura realista-naturalista é comprometida com os problemas de seu tempo, é uma arte que defende a responsabilidade social da literatura ao lado do compromisso estético (artístico). Nisso está a sua grandeza; na sua preocupação com o ser humano como ser biológico, social, psicológico e cultural.
- A literatura de Machado de Assis não acolhe o Naturalismo, e uma das maneiras de rejeitá-lo é ironizando o comportamento de personagens e suas ideias.
- Para analisar a realidade o autor faz uso da ironia e do humor.

Passemos agora a uma breve explicação sobre a vertente naturalista do realismo, na palavra do fundador do Realismo-Naturalismo na França: O artista não tem o direito de expressar a sua opinião sobre coisa alguma, não importando do que se trate. Deus já expressou alguma vez uma opinião... Creio que a grande arte é científica e impessoal... Não quero nem amor nem ódio, nem piedade nem raiva... Já não é tempo de introduzir a justiça na arte? A imparcialidade da descrição tornar-se-ia, então, igual à majestade da lei. **ZOLA, Émile** Carta a George Sand. In: FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p.89.)

A forma de literatura naturalista pretende ser científica, mas isso é impossível, afinal o impulso artístico é comandado pela inventividade, pela criatividade. O escritor reproduz a realidade, mas acima de tudo ele a recria no texto, colocando aí seu ponto de vista subjetivo. A forma naturalista da literatura pretendeu ser neutra e passiva, mas seu sucesso artístico se deve mesmo é a seu modo inventivo e participante de exprimir a realidade.

Cena do filme Germinal- Etienne e Maheu - Início da greve.

Da obra Germinal

[...] Por pouco Etienne não fora esmagado. Seus olhos habituavam-se, já podia ver no ar a corrida dos cabos, de trinta metros de fita de aço que subiam velozes à torre, onde passavam roldanas para, em seguida, descer a pique no poço e prenderam-se nos elevadores de extração. Só uma coisa ele compreendia perfeitamente: que o poço engolia magotes de vinte e de trinta homens, e com tal facilidade que nem parecia senti-los passar pela goela. Desde as quatro horas os operários começavam a descer; vinham da barraca, descalços, lâmpada na mão, e esperavam em grupos pequenos até formarem número suficiente. Sem ruído, como um pulo de animal noturno, o elevador de ferro subia do escuro, enganchava-se nas aldravas, com seus quatro andares, cada um contendo dois vagonetes cheios de carvão. Nos diferentes patamares, os carregadores retiravam os vagonetes substituindo-os por outros vazios ou carregados antecipadamente com madeira em toros. E era nesses carros vazios que se empilhavam os operários, cinco a cinco, ate quarenta de uma vez, quando ocupava todos os compartimentos. Uma ordem partia do porta-voz, um tartamudear grosso e indistinto, enquanto a corda, para dar o sinal embaixo, era puxada quatro vezes,

convenção que queria dizer 'aí vai carne' e que avisava da descida desse carregamento de carne humana. A seguir, depois de um ligeiro solavanco o elevador afundava silencioso caía, como uma pedra deixando para trás de si apenas a fuga vibrante do cabo.

- É muito fundo? – perguntou Etienne a um mineiro com ar sonolento que esperava perto dele.

- Quinhentos e cinqüenta e quatro metros – respondeu o homem.

Émile Zola – *Germinal*.

Da obra *O Cortiço*

"Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns após outros, lavavam a cara incomodamente debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pelo, ao contrário, metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, forçando e fungando contra as palmas da mão. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, num capinzal dos fundos por detrás da estalagem ou no recanto das hortas."

Atenção para a forma como os textos abordam os problemas de convivência social, de trabalho, de miséria humana e exploração do homem pelo homem. Essa literatura pretende melhorar a sociedade pela denúncia dos seus aspectos negativos.

Capa de O Cortiço

Realismo
Termo empregado em diversos sentidos na história e na crítica das artes. Numa acepção ampla, tem um significado tão vago quanto Naturalismo, implicando uma intenção de representar as coisas de modo preciso e objetivo. Frequentemente, porém, o vocábulo vincula-se a um repúdio pela idealização e pela adoção de temas convencionalmente belos em favor de uma abordagem mais terra-a-terra, muitas vezes enfatizando temas ligados à vida ou às atividades do homem comum.
Num sentido mais específico, o termo designa um movimento de arte (sobretudo francesa) do séc. XIX, caracterizado pela revolta contra temas históricos, mitológicos e religiosos tradicionais em prol de cenas não-idealizadas da vida moderna. O líder do movimento realista foi Coubert, que afirmou: 'Pintura é essencialmente uma arte concreta e deve aplicar-se aos objetos reais e existentes".

ATIVIDADES

Observe os textos e explique a relação entre o ideal de crítica e reformismo social do naturalismo e a produção literária do período.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Para fazer esta atividade você precisa ficar atento para as características do Naturalismo, vertente do **Realismo** que se empenhou na crítica reformista da sociedade. Releia o texto anterior, para fundamentar sua leitura.

CONCLUSÃO

No Brasil o Realismo apresentou uma vertente literária diferenciada a que se chama Naturalismo. Não foi tão aceita pela sociedade que se sentia agredida pelos temas considerados "pesados", pois estava acostumada com assuntos leves, do tipo água com açúcar. A literatura naturalista abordou a realidade de forma direta, com o máximo de realismo: fez denúncia dos problemas sociais e criticou comportamentos e preconceitos. A obra de Aluísio Azevedo foi mais contundente e agressiva que a de Machado de Assis, que desenvolveu um estilo mais irônico e sutil.

Representação de um cortiço, realidade abordada por Aluísio Azevedo no romance O cortiço, em que retrata o homem coletivo. (Fonte: http://www.portaltosabendo.com.br)

RESUMO

A literatura brasileira realista-naturalista assumiu compromissos com as mudanças que vinham ocorrendo na sociedade da segunda metade do século XIX. O Segundo Império foi marcado por transformações profundas que mudaram a realidade brasileira e a literatura acompanhou, registrou e denunciou as contradições da economia burguesa, de um liberalismo que aprofundava as desigualdades e conflitos próprios do sistema capitalista emergente. Observando os dois textos vemos que a literatura brasileira não estava alheia a esse processo, encontrava-se sintonizada com a literatura europeia que já havia assumido uma postura crítica diante da sociedade. No Brasil Aluísio Azevedo mostra a vida num cortiço do Rio de Janeiro, com sua miséria e desesperança. E Zola, na obra *Germinal*, lá na Europa, denuncia a situação dos trabalhadores das minas francesas.

PRÓXIMA AULA

Literatura brasileira realista-naturalista: autores e obras.

AUTOAVALIAÇÃO

Quer saber como se encontra o seu conhecimento depois dessas duas aulas? Reflita sobre sua atuação no curso e sobre o que o curso lhe oferece. Sou capaz de produzir um pequeno texto abordando a relação entre a literatura brasileira realista-naturalista e seu compromisso com a vida sociopolítica e cultural do Segundo Império? Posso reconhecer as características do estilo realista-naturalista, a partir da leitura de textos das obras *Dom Casmurro*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e de *O Cortiço*? Distingo uma personagem realista de uma personagem romântica?

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. 22 ed. São Paulo: Ática. 1997.
______________. **Quincas Borba**. São Paulo: Ática, 1973.
AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. 9 ed. São Paulo: Ática, 1970.
CÂNDIDO, Antônio; CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da literatura brasileira**. V. 2 7 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1978.
BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1980. 2004.
CHILVERS, Ian. **Dicionário Oxford de arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira** – seus fundamentos econômicos. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.
ZOLA, Émile. **Germinal**. 2 ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.